

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

PAULA REJANE DA SILVA

**Implicações do racismo nas relações românticas das mulheres negras:  
narrativas midiáticas e discussões no ambiente das redes sociais**

**São Paulo  
2024**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

**Implicações do racismo nas relações românticas das mulheres negras:  
narrativas midiáticas e discussões no ambiente das redes sociais**

Paula Rejane da Silva

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Especialista em  
Cultura, Educação e Relações Étnico-  
Raciais.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria da Glória Calado**

São Paulo

2024

*Ao grande, inesquecível e excêntrico amigo, Ari Cândido Fernandes.*

*(Ainda vou terminar de transcrever aquelas fitas e fazer um trabalho incrível para todo mundo conhecer o seu legado).*

**IMPLICAÇÕES DO RACISMO NAS RELAÇÕES ROMÂNTICAS DE MULHERES  
NEGRAS: NARRATIVAS MIDIÁTICAS E DISCUSSÕES NO AMBIENTE DAS  
REDES SOCIAIS<sup>1</sup>**

**Paula Rejane da Silva<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este trabalho pretende discutir as implicações geradas pelo racismo no campo da afetividade de mulheres negras, causadas por abandonos e desamparos afetivos que levam a quadros de sofrimento físico e mental de curto e longo prazo. O tema proposto dialoga com contribuições de pesquisadoras como Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), Camilla Gabrielle Gomes Vieira (2020) e Raísa Santos Xavier (2020). O trabalho foi realizado na perspectiva qualitativa, baseando-se em autores que discutem o racismo e problematizam a solidão da mulher negra em função do mesmo. Como categoria de análise, foram utilizados relatos de mulheres negras extraídos das redes sociais X/Twitter e Instagram.

**Palavras-chave:** Racismo. Mulher negra. Solidão. Escolhas afetivas. Afetividade.

**Abstract:** This work aims to discuss the implications of racism on the affectivity of black women, caused by emotional abandonment and neglect leading to short and long-term physical and mental suffering. The proposed theme engages with contributions from researchers such as Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), Camilla Gabrielle Gomes Vieira (2020), and Raísa Santos Xavier (2020). The work was conducted from a qualitative perspective, drawing on authors who discuss racism and problematize the loneliness experienced by black women as a result. As an analytical category, narratives from black women extracted from the social media platforms X/Twitter and Instagram were utilized.

**Key words:** Racism. Black woman. Loneliness. Affective choices. Affection.

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo discutir las implicaciones del racismo en el campo de la afectividad de las mujeres negras, causadas por el abandono emocional y el desamparo que conducen a sufrimientos físicos y mentales a corto y largo plazo. El tema propuesto se relaciona con contribuciones de investigadoras como Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), Camilla Gabrielle Gomes Vieira (2020) y Raísa Santos Xavier (2020). El trabajo se realizó desde una perspectiva cualitativa, basándose en autores que discuten el racismo y problematizan la soledad de la mujer negra como resultado del mismo. Como categoría de análisis, se utilizaron relatos de mujeres negras extraídos de las redes sociales X/Twitter e Instagram.

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais.

<sup>2</sup> Pós-graduanda em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais.

**Palabras clave:** Racismo. Mujer negra. Soledad. Opciones afectivas. Afecto.

## 1. Introdução

O presente artigo tem como principal objetivo refletir sobre estereótipos e preconceitos que dificultam, e até mesmo impossibilitam, uma grande parcela de mulheres negras a experienciarem o amor e o afeto em sua totalidade. Levando em consideração que o amor é intrinsecamente plural em seus conceitos e experiências (VIEIRA, 2019), é possível observar como certas categorias de sujeitos, demarcados por fatores sociais como raça, gênero, orientação sexual e localidade, vivenciam o amor, seus desdobramentos e nuances.

A título de contextualização, é preciso antes observar onde a mulher negra se encontra: na base da pirâmide em escala social e afetiva (SOUZA; PACHECO *apud* SILVA et al., 2021). Não há dúvidas de que o racismo estrutural, definido por Silvio Almeida (2019) como um conjunto de "comportamentos individuais e processos institucionais", que por consequência "são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção", impacta diretamente na vida de mulheres negras nas mais diversas esferas da vida – desde o acesso à saúde, passando pela introdução ao mercado de trabalho até, finalmente, às relações românticas, sexuais e familiares.

A população negra tem menos acesso a serviços de saúde do que a população branca, segundo o último relatório da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), publicado em 2017 pelo Ministério da Saúde. No mesmo relatório, aponta-se ainda que pessoas negras (11,9%) e pardas (11,4%) se sentiram, em algum momento, discriminadas ao usarem os serviços do Sistema Único de Saúde (SUS). É importante lembrar que o PNSIPN foi criado em 2009 com o intuito de combater as desigualdades que afetam deliberadamente a saúde da população negra<sup>3</sup>.

No entanto, mesmo com a presença de um aparato que tenta assegurar o acesso integral e ilimitado à saúde pública de qualidade por essa população, o que ainda se vê são mulheres negras majoritariamente nos índices de mortalidade materna, violência obstétrica e outros tipos de violência. Nos partos, elas recebem menos anestesia, são tratadas com agressividade no manejo de seus corpos e são as últimas a dar à luz, posicionadas em filas onde a prioridade é, impreterivelmente, das mulheres brancas. Isso

---

<sup>3</sup> Saúde das mulheres negras: enfrentamento ao racismo também se dá no acesso à assistência. Disponível em: <

porque, no imaginário popular, as mulheres negras “aguentam” a dor do parto por possuírem “quadris mais largos”, e por isso, “são parideiras por excelência”<sup>4</sup>.

Além de ser abandonada e maltratada no momento mais importante e delicado de sua vida, a mulher negra também se vê desamparada no pós-parto, quando não recebe o acompanhamento adequado no puerpério por uma equipe de saúde, ou quando não pode contar com o apoio afetivo e financeiro do genitor da criança ou da própria família. Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostrou que o número de mães solo no Brasil aumentou entre os anos de 2012 e 2022, chegando à marca de 1,7 milhão. 90% dessas mães solo são mulheres negras. Como muitas dessas mães solo não possuem um suporte familiar ou financeiro para criarem seus filhos, elas se veem obrigadas a viver com uma renda equivalente ou menor que R\$1.685 - valor médio identificado na mesma pesquisa.

O corpo da mulher negra é visto como “colonial e suscetível de apropriação desde a época da escravidão” (XAVIER, 2020). E por isso, é atravessado por diversos estereótipos e pré-concepções degradantes, que as colocam nesse não- lugar em relação à afetividade.

Dentre os tantos “lugares-comuns” em que a mulher negra é colocada, o mais propagado é o da “mulata”, aquela que supostamente atende a requisitos sexuais do imaginário masculino: selvagem, insaciável, exótica, com atributos físicos que enchem os olhos. A “mulata”, segundo Gilberto Freyre, é para “fornicar”; na frente dela, a branca, que é para casar; e atrás dela, a preta, serve apenas para trabalhar.

Considerando esses pontos, a pesquisa se justifica como uma análise sobre como mulheres negras são afetadas por essa sequência de abandonos e desamparos que levam a quadros de sofrimento físico e mental, além de colocá-las em situações de preterimento em relação aos afetos.

O objetivo principal deste artigo é analisar a forma como mulheres negras são observadas no campo afetivo, no sentido de destrinchar as ditas “preferências” quando se fala em uma “mulher ideal” para se relacionar. É importante reiterar que a solidão das mulheres negras não se restringe apenas ao mercado dos afetos, mas também abarca as relações socioeconômicas em que elas estão inseridas. No entanto, o recorte afetivo foi escolhido por critérios diretamente ligados às vivências da autora neste campo. Quanto aos objetivos específicos, podemos elencar alguns caminhos: compreender as dinâmicas

---

<sup>4</sup> Nas maternidades, a dor também tem cor. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/03/nas-maternidades-a-dor-tambem-tem-cor/#Link1>> Acesso em: 28 mar. 2024.

da solidão da mulher negra no campo afetivo, entender como os estereótipos atribuídos às mulheres negras impõem barreiras na busca por um relacionamento saudável e, finalmente, pensar em novas perspectivas de se viver o amor em sua integralidade para as mulheres negras por meio da reconstrução da autoestima.

## 2. Caminhos metodológicos de pesquisa e análise de discursos

A metodologia, por definição, é um “conjunto de técnicas e processos utilizados pela ciência para formular e resolver problemas de aquisição objetiva de conhecimento de maneira sistemática” (MORAES, 2008). A metodologia é diferente do método pois, segundo a autora, ela é parte integrante do mesmo e viabiliza a aplicabilidade do método em si. Com o problema da pesquisa já definido, o próximo passo é pensar nas estratégias e instrumentos que serão utilizados para responder a pergunta que o trabalho traz.

Neste caso, com o objetivo de entender o impacto do racismo estrutural na vida afetiva de mulheres negras, optou-se pela abordagem qualitativa como método de pesquisa. O procedimento escolhido foi a análise de conteúdos postados em duas redes sociais muito utilizadas por jovens adultos: Instagram e X (antigo Twitter). Trata-se de um breve estudo etnográfico, analisando o contexto digital da discussão enquanto um “texto em tela”, como descreveu Evans apud Melo et al. (2023).

Souza e Quandt (2008) definem redes sociais como:

estruturas dinâmicas e complexas formadas por pessoas com valores e/ou objetivos em comum, interligadas de forma horizontal e predominantemente descentralizada. As redes sociais têm sido utilizadas por psicólogos, sociólogos, antropólogos, cientistas da informação e pesquisadores da área da administração para explicar uma série de fenômenos caracterizados por troca intensiva de informação e conhecimento entre as pessoas (SOUZA; QUANDT, 2008, p.2).

Nesse sentido, redes sociais como Instagram e X se destacam como espaços onde a troca de informações é altamente dinâmica e flexível. Por consequência, esses espaços se tornaram atrativos para mobilizações de cunho sociopolítico. É possível dizer que a internet brasileira levou o que chamamos de “ciberativismo” para um outro patamar sociológico. Ugarte *apud* Nolasco, Ávila e Jungblut (2020) define o ciberativismo como:

(...) uma estratégia elaborada por grupos que utilizam a Internet para mudar a agenda pública, pau-tando o cotidiano com temas de interesse de determinado

movimento, alçando tais ideias aos meios de comunicação tradicionais (UGARTE *apud* NOLASCO; ÁVILA; JUNGBLUT, 2020, p.1).

Um grupo que se destaca nessa dinâmica ciberativista é o *Black Twitter*, que não se define como uma nova rede social, mas “um termo para uma coleção de redes de pessoas negras na plataforma, espalhadas por todo o mundo” (MITHANI, 2023, online). O *Black Twitter*, de forma simplificada, reúne diversas pessoas negras (influenciadores digitais, pessoas públicas e anônimas, ativistas e outras figuras de destaque midiático) que “levantam pautas e temas online e que suas opiniões acabam adquirindo relevância no site” (TEODORO, 2020, online).

Já no Instagram não há, especificamente, uma movimentação com a mesma linguagem e proporção do Black Twitter. No entanto, o que se observa é uma importante quantidade de perfis direcionados ao público negro que abordam diversos assuntos: moda, comportamento, estética, saúde e educação, ciência e tecnologia, direitos humanos, entre outros.

Em ambas as redes, é possível observar diversas narrativas sobre a solidão da mulher negra no campo amoroso - tanto em textos dissertativos de caráter informativo, quanto em postagens casuais. A grande maioria, de autoria feminina e negra.

## **2.1. X/Twitter**

A plataforma X é uma rede social desenvolvida no formato de microblog, permitindo aos usuários enviar e receber conteúdos em textos de até 280 caracteres. Anteriormente chamada de Twitter, foi criada e oficialmente fundada em 2006 pelos desenvolvedores Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass. Em 2023, a plataforma foi adquirida pelo bilionário sul-africano da tecnologia, Elon Musk, e mudou de nome, sendo atualmente denominada X.

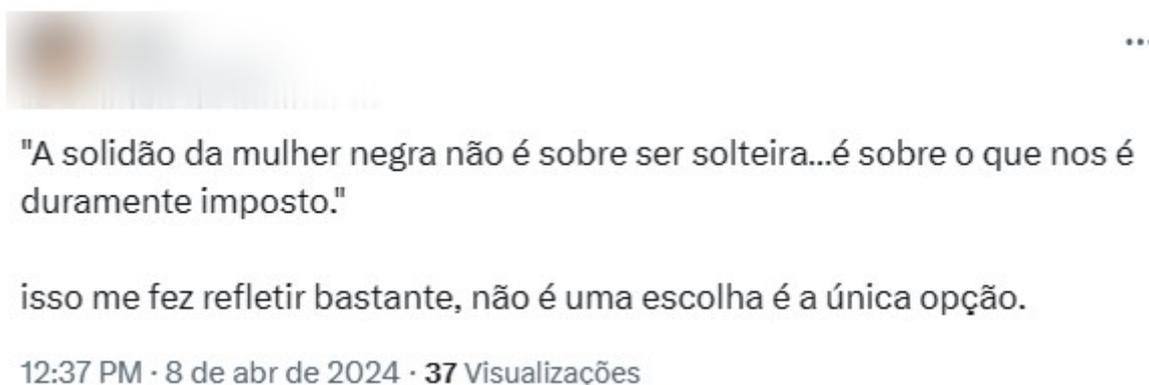
Lemos (2008) lembra que os processos de comunicação fomentadas pelas constantes transformações culturais podem moldar o pensamento das pessoas. Além disso, “propiciam o surgimento de novos canais e ambientes socioculturais, em especial, na hipermídia (LEMOS, 2008, p. 652). Assim, o ambiente dinâmico do X se tornou uma ágora digital, pois disponibiliza mecanismos “que consolidam a horizontalização da comunicação mediada por computador, necessária aos processos democráticos de livre expressão individual e coletiva (RAMALDES, 2009, p. 1).

Como um espaço democrático de livre expressão individual e coletiva, diversas discussões que se limitavam apenas ao ambiente acadêmico das universidades e aos encontros organizados por movimentos sociais começaram a ganhar forma no X.

A atual geração que integra movimentos progressistas é ativamente participativa no X, sobretudo os movimentos LGBTQIAP+ e o movimento negro, com seus influenciadores e demais perfis públicos, além de pessoas anônimas que ensejam integrar os debates com seus pontos de vista.

Até algum tempo atrás, a solidão da mulher negra era discutida apenas em rodas de conversa e em poucos espaços acadêmicos. Com o compartilhamento de artigos, livros e demais leituras sobre o assunto nas redes sociais, além de vídeos e outros formatos de conteúdo, a solidão da mulher negra começou a ganhar uma evidência importante na web.

Para a execução deste caminho metodológico, foi preciso buscar materialidade - neste caso, alguns *tweets* que já foram publicados sobre o assunto. A maioria desses *tweets* foram escritos por jovens mulheres negras<sup>5</sup>, sem faixa etária definida.



*Figura 1: Usuária na rede social X falando sobre a solidão da mulher negra - Reprodução/X*

Nesse primeiro tweet, publicado em 8 de abril de 2024, a usuária usou um fragmento do texto da colunista Albertina Camara Ribeiro para o Portal Geledés para refletir sobre a angústia da solidão no campo afetivo. O texto foi publicado no site em 2015, e o trecho na íntegra diz o seguinte:

A solidão da mulher negra não é sobre ser solteira... é sobre o que nos é duramente imposto: ser forte como única opção, criar filhos sozinha, ou não tê-los, não por escolha minha, mas por se mostrar a única opção... Você, mulher branca, isso não é para você ou sobre você...Você homem branco... bom, muito menos...

<sup>5</sup> A identidade das usuárias foi preservada por questões éticas.

Sobre essa "única opção" no qual o tweet e o texto se referem, a pesquisadora e escritora Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) escreveu:

Há um fio condutor que mostra em diferentes momentos, de que maneira as escolhas afetivas são permeadas de solidão, e ao mesmo tempo, motivadas e/ou alicerçadas, por racismo, sexismo e desigualdades (PACHECO, 2013, p.18).

Nesse sentido, Pacheco diz que, em vários momentos de nossa vida, seremos forçadas a vivermos de solidão, não por vontade própria, mas "porque o racismo somado ao machismo danificou até mesmo o afeto" (CARVALHO, 2019, online). Ou seja, a nossa "única opção" é a negação do afeto em todos os sentidos.

Outra postagem que chamou a atenção foi esse tweet, publicado na mesma data:



*Figura 2: Usuária na rede social X falando sobre a solidão da mulher negra - Reprodução/X*

Aqui, a usuária fala sobre o silenciamento de mulheres negras em vários contextos, para além do campo dos afetos.

É importante salientar que a prática de silenciar mulheres negras, bem como pessoas negras em geral, é secular. Para ilustrar esse fato histórico, Motta e Oliveira (2022) lembram das máscaras de ferro, usadas para calar escravizados:

A prática de tentar silenciar africanos e seus descendentes é realizada desde o período das "grandes navegações" no qual se justificava, a partir das noções de raça e civilização, assumidas com argumentos ditos teóricos e científicos, uma inferioridade do negro em todos os aspectos, de forma que sua fala fosse sempre desconsiderada. Os negros, entretanto, nunca foram passivos diante dessa situação. Muitas foram as formas de silenciar o negro. Um dos recursos usados era a máscara que colocavam na boca dos escravizados, não só para que eles não comessem cana-de-açúcar e cacau, mas também para que os desse o senso de medo e mudez (MOTTA; OLIVEIRA, 2022, p.2).

Segundo a teórica portuguesa Grada Kilomba (2019), a máscara é uma representação fiel do colonialismo. Ela simboliza as mais perversas políticas de dominação para com "os outros"; ela impõe quem pode falar, e por meio do terror, sugere que algo muito ruim pode acontecer se esse "outro" ousar vocalizar seus sentimentos.

Ainda de acordo com as autoras:

A máscara representa também o mecanismo usado pelos brancos para não ouvirem o que o colonizado tem a dizer, seja sobre colonialismo, racismo ou outras violências na tentativa de se manter em segredo as inúmeras atrocidades feitas por eles e pelo racismo (MOTTA; OLIVEIRA, 2022, p. 2).

Impossível não lembrar de Anastácia, a escravizada que carregava uma Máscara de Flandres frente à boca. A máscara foi uma punição perpétua por ela ter resistido às investidas de seu senhor, que queria violentá-la sexualmente. A imagem de Anastácia ilustra o silenciamento como a mais dolorosa das torturas. E ainda que simbolicamente, essa tortura foi perpetuada no imaginário popular sob a roupagem da estereotipação da oralidade: o estereótipo da "negra raivosa" é um bom exemplo disso.

Quando falamos, somos silenciadas, nos pedem "calma". Quando não falamos, nos rotulam como "neguinhas metidas", "mal educadas". A mulher negra vive nessa linha tênue, onde resta apenas a imposição do silenciamento por essa "máscara" forjada pelo racismo, e por consequência, a solidão.

O próximo tweet traz uma reflexão:



solidão da mulher preta e preterimento são assuntos bem delicados e as pessoas precisam entender que isso é real sim e que temos vivências que mulheres brancas nunca terão. infelizmente quando vem pra rede social as pessoas fazem de tudo pra banalizar e diminuir a dimensão disso

2:23 PM · 21 de fev de 2022 de Feira de Santana, Brasil

Figura 3: Usuária na rede social X falando sobre a solidão da mulher negra - Reprodução/X

O argumento dessa usuária é uma das maiores motivações para a realização deste trabalho. O que se observa nesses últimos tempos em espaços como o X é a total banalização do fenômeno da solidão afetiva imposto à mulheres negras. Foram observados vários tweets com esse teor – tantos que infelizmente não cabem neste artigo. No entanto, um deles chamou a atenção pela negação da existência desse fenômeno:

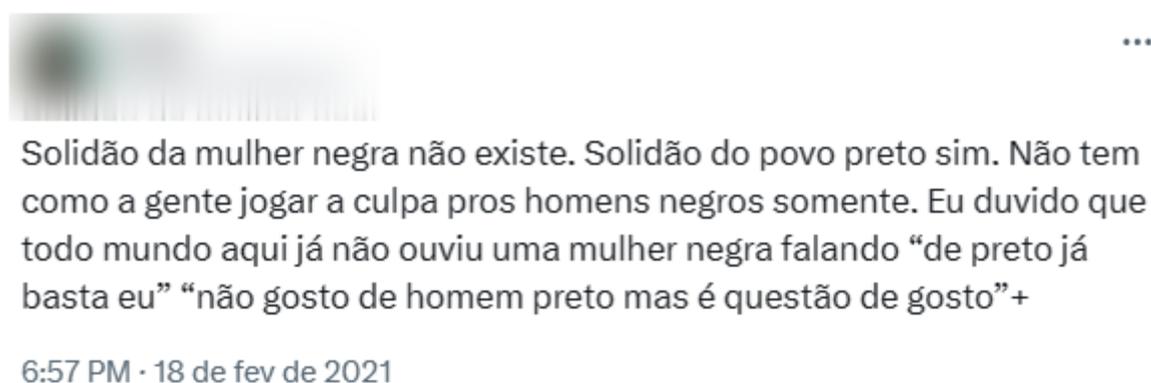
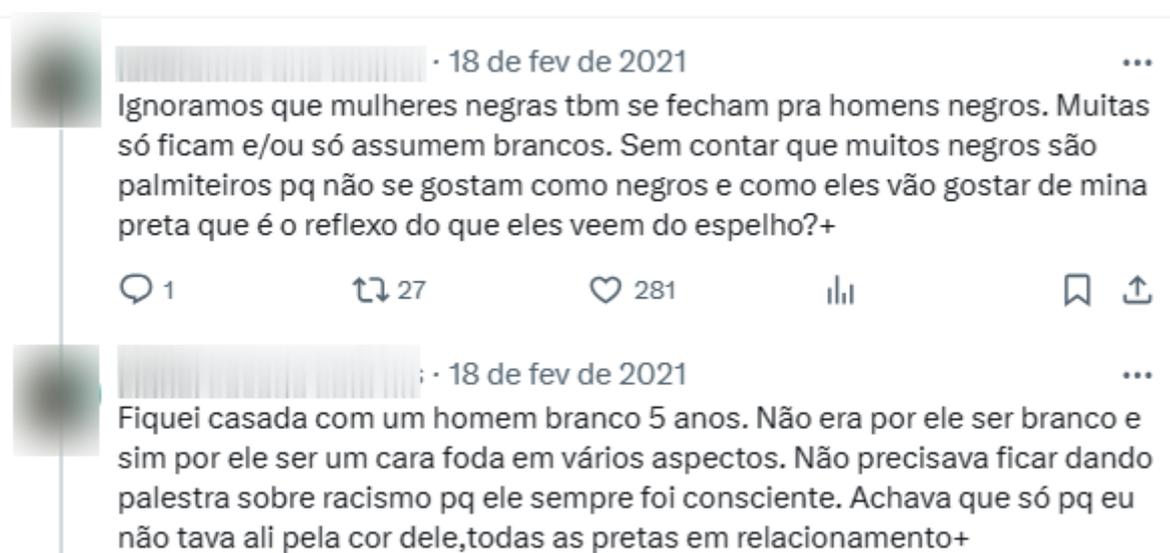


Figura 4: Usuária na rede social X falando sobre a solidão da mulher negra - Reprodução/X

A autora do tweet, uma jovem mulher negra, é categórica ao afirmar que a solidão não se limita apenas às mulheres negras, mas sim ao povo negro como um todo. Ela escreve uma série de tweets sobre o assunto no formato de *thread* (fio), esclarecendo seu ponto de vista:



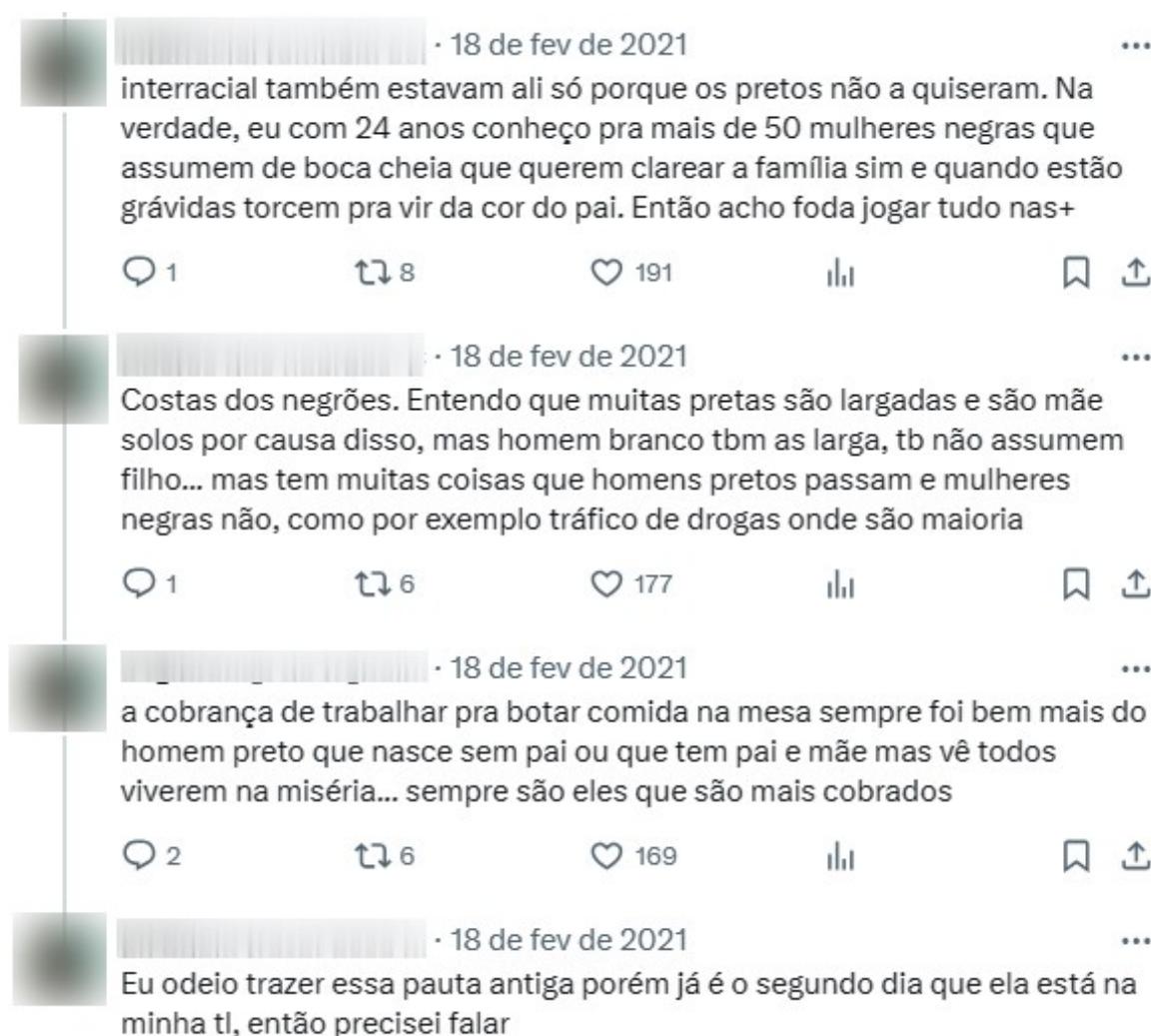


Figura 5: Usuária na rede social X trazendo seu ponto de vista sobre a solidão da mulher negra - Reprodução/X

É compreensível, e até correto dizer, que a solidão atinja também homens negros. O aclamado romance “*O Averso da Pele*”, do escritor Jeferson Tenório, retrata isso de forma visceral. Os personagens Henrique e Pedro, pai e filho respectivamente, são homens negros atravessados por diversas formas de solidão. Nos capítulos finais, Luara, irmã de Henrique, é questionada pelo sobrinho Pedro sobre como ela suportava ser tão julgada pela cor da pele. Luara responde:

A gente se acostuma com tudo. A gente se acostuma quando você caminha na rua e as pessoas recolhem as bolsas e mochilas, a gente se acostuma quando os próprios homens preferem as negras mais claras, a gente se acostuma a ser só. A gente se acostuma a chegar numa entrevista de emprego e fingir que não percebeu a cara desapontada do entrevistador. Mas não estou reclamando, porque com o passar dos anos eu aprendi a me defender bem. Aprendi a inventar estratégias de sobrevivência. Seu pai também teve de inventar

estratégias. Mas isso não significa que sejamos sempre bem-sucedidos. Quero dizer que nós, às vezes, falhamos. E falhar, no nosso caso, pode resultar num erro fatal. Ainda assim, Pedro, ainda assim a gente segue. O que você tem que compreender é que os homens negros sofrem suas violências. E que as mulheres negras sofrem outras. Algumas são parecidas. Mas, veja, somos diferentes. Nem sempre as causas são iguais (TENÓRIO, 2020, p. 181 – 182).

O homem negro é diariamente violentado pelo racismo e as inúmeras estatísticas comprovam isso. A cada 100 mortos pela polícia no ano de 2022, 65 eram negros<sup>6</sup>; homens negros têm 3,5 vezes mais chances de serem assassinados do que brancos<sup>7</sup>; homens negros tem 350% mais chances de serem mortos por arma de fogo<sup>8</sup>; as taxas de suicídio entre jovens homens negros do sexo masculino com idades entre 10 e 29 anos é 45% maior do que entre brancos da mesma faixa etária<sup>9</sup>. A população negra encarcerada chegou em seu maior nível no ano de 2022, quando o índice saltou de 58,4% para 68,2% - hoje, a cada 10 presos, 7 são negros e 3 são brancos<sup>10</sup>.

Na mesma esteira, mulheres negras representam 62% das vítimas de feminicídio no Brasil - proporcionalmente, duas a cada três vítimas de feminicídio são mulheres negras<sup>11</sup>; do total de 18 milhões de mulheres vítimas de violência no Brasil, mais de 65% correspondem à mulheres negras<sup>12</sup>; aqui, as mulheres são 75% das vítimas de violência física e sexual, sendo as pretas e pardas as mais afetadas - e o risco dobra a depender da região onde vivem<sup>13</sup>; elas também amargam altos índices de desemprego e subutilização no mercado de trabalho; e diante de tantas violências e estresses pós-

<sup>6</sup> A cada 100 mortos pela polícia em 2022, 65 eram negros, mostra estudo. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-11/cada-100-mortos-pela-policia-em-2022-65-eram-negros-mostra-estudo>> Acesso em: 16 abr. 2024.

<sup>7</sup> HOMENS NEGROS TEM 3,5 VEZES MAIS CHANCES DE SEREM ASSASSINADOS DO QUE BRANCOS, REVELA PESQUISA. Disponível em: <<https://soudapaz.org/noticias/homens-negros-tem-35-vezes-mais-chances-de-serem-assassinados-do-que-brancos-revela-pesquisa/>> Acesso em: 16 abr. 2024.

<sup>8</sup> Negros tem 350% mais chances de serem mortos por arma de fogo. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/negros-tem-350-mais-chances-de-serem-mortos-por-arma-de-fogo>> Acesso em: 16 abr. 2024.

<sup>9</sup> Racismo e exclusão: jovens negros são principais vítimas de suicídio. Disponível em: <<https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/09/08/noticia-diversidade,1391718/racismo-e-exclusao-jovens-negros-sao-principais-vitimas-de-suicidio.shtml>> Acesso em: 16 abr. 2024.

<sup>10</sup> ATRÁS DAS GRADES, UM BRASIL JOVEM E NEGRO. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/atras-das-grades-um-brasil-jovem-e-negro/>> Acesso em: 16 abr. 2024.

<sup>11</sup> Mulheres negras representam 62% das vítimas de feminicídio no Brasil, aponta Anistia Internacional. Disponível em: <[https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-representam-62-das-vitimas-de-femicidio-no-brasil-aponta-anistia-internacional/?gad\\_source=&gclid=CjwKCAjwuJ2xBhA3EiwAMVjkVNPIj\\_avEuEPYJMwEaxURh2OuDxJ6-17h9UqKQhWUoJ7ggolrUI3BBBoCxXkQAvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-representam-62-das-vitimas-de-femicidio-no-brasil-aponta-anistia-internacional/?gad_source=&gclid=CjwKCAjwuJ2xBhA3EiwAMVjkVNPIj_avEuEPYJMwEaxURh2OuDxJ6-17h9UqKQhWUoJ7ggolrUI3BBBoCxXkQAvD_BwE)> Acesso em: 16 abr. 2024.

<sup>12</sup> Mulheres negras são as maiores vítimas em casos de violência. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/noticias/2023/11/24/mulheres-negras-sao-as-maiores-vitimas-em-casos-de-violencia/>> Acesso em: 16 abr. 2024.

<sup>13</sup> Mulheres negras têm maior risco de sofrer violência física e sexual no Brasil. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/06/negras-tem-maior-risco-de-sofrer-violencia-fisica-e-sexual-no-brasil.shtml>> Acesso em: 16 abr. 2024.

traumáticos, elas chegam ao limite da exaustão física e mental antes mesmo de procurarem por ajuda<sup>14</sup>.

Nesse sentido, homens e mulheres negras compartilham do mesmo fenômeno da solidão em vários aspectos da vida e precisam constantemente “inventar estratégias” para sobreviverem ao racismo, mas com atenuantes diferentes. É justamente aí onde a questão de gênero acrescenta um peso maior.

O homem negro vive uma complexa relação com a masculinidade, uma vez que ele ocupa um espaço muito específico e, por vezes, paradoxal nas hierarquias de gênero (SANTOS, 2019). Ainda que ele seja atravessado pelas dinâmicas do racismo, ao mesmo tempo ele também integra o sistema machista, mesmo sem usufruir de todos os privilégios do patriarcado. O gênero, de qualquer maneira, lhe dá alguns poderes em uma sociedade patriarcal - inclusive, o poder de escolher suas parceiras de vida de acordo com suas "preferências".

Em seu artigo *"Problemas de Gênero dos Homens Negros: Masculinidades Negras Através das Perspectivas do Pensamento Feminista Negro e Decolonial"*, o pesquisador Daniel dos Santos nos lembra da importância da interseccionalidade como um conceito fundamental para compreendermos as dinâmicas que colocam homens e mulheres negras em locais diferentes em relação às questões de gênero:

(...) enquanto o signo da raça é um fator de desumanização, inferiorização, subalternização e abjeção, o signo do gênero é um fator gerador de privilégios e poder, formando um paradoxo no qual os homens negros estão inseridos. Como possuir privilégios do homem branco, que ocupa o topo da hierarquia de poder, se o homem negro não é considerado sequer como homem na sociedade racista? Como um sujeito oprimido pode também gerar práticas de opressão? O conceito de interseccionalidade auxilia no exercício de tensionar os limites e as fronteiras identitárias e as posicionalidades dos sujeitos na tentativa de compreensão dos mecanismos que movem as dinâmicas de subordinação e opressão (SANTOS, 2019, p. 91).

Compreendidas essas questões, aí sim, é possível separar o joio do trigo quando falamos sobre as contradições de homens negros ligadas ao campo afetivo, e por que é equivocado direcionar a responsabilidade da solidão de mulheres negras nelas mesmas.

## 2.2. Instagram

---

<sup>14</sup> Mulheres negras chegam ao limite da exaustão antes de encontrar ajuda. Disponível em: <<https://thinkeva.com.br/exaustao-das-mulheres-negras/>> Acesso em: 16 abr. 2024.

O Instagram é uma rede social de compartilhamento de fotos de vídeos. Foi criada pelo estadunidense Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, sendo lançada oficialmente em 2010. Inicialmente, tratava-se de uma rede social dedicada a postagens de fotos no formato quadrado, com filtros que remetiam às fotografias instantâneas de modelos antigos de câmeras de baixo custo, como a Kodak Instamatic e a mundialmente famosa Polaroid. Com a popularidade e o passar dos anos, novas funcionalidades foram acrescentadas ao Instagram, como a postagem de vídeos em alta resolução e a inserção de anúncios dentro da plataforma. Desde 2012, é gerida pela *big tech* Meta Plataformas (antigo Facebook, Inc.), dos fundadores Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes.

Assim como o X, o Instagram é um ambiente virtual onde acontecem as mais variadas discussões sobre temas de interesse à diversos tipos de movimentos, desde os mais progressistas até os mais reacionários. A diferença é que, no Instagram, essas discussões são enriquecidas com conteúdos de apelo visual - vídeos curtos, cards com layouts coloridos, "carroses" contendo textos rápidos e informativos, etc.

Como um canal de comunicação aberta, o Instagram tem contribuído de forma positiva para a articulação e fortalecimento de movimentos sociais, especialmente "as 'lutas e gritos' da comunidade negra", segundo as pesquisadoras Jocelia Martins de Oliveira e Fernanda Amanda Rodrigues Vieira. Ainda de acordo com as autoras, essas movimentações no Instagram se tornaram um "fato corriqueiro", no qual "compartilha-se dos enfrentamentos e conquistas diárias, por meio da divulgação de informações dotadas de reflexão crítica, gerando o empoderamento e autoidentificação destes indivíduos" (OLIVEIRA; VIEIRA, 2019).

Para começar, o recurso da *hashtag* foi utilizado para filtrar os conteúdos diretamente ligados ao tema deste trabalho. As hashtags, por definição, são palavras-chave associadas a uma informação, tópico ou discussão específica. Representadas pelo símbolo # (cerquilha), é um recurso bastante utilizado dentro das estratégias de marketing com o objetivo de buscar um maior alcance de usuários em conteúdos direcionados.

Assim, os posts usados neste trabalho foram localizados usando a hashtag #soldaodamulhernegra:

# #solidaodamulhernegra

3.086

publicações

Figura 6: Reprodução/Instagram

No dia em que a busca foi feita, haviam 3.086 publicações. Por óbvio, não foi possível analisar todas essas publicações, então foram selecionados os primeiros conteúdos mais relevantes de acordo com o número de curtidas e comentários.

O primeiro post foi publicado pelo perfil *Pretitudes*, com mais de 794 mil seguidores:

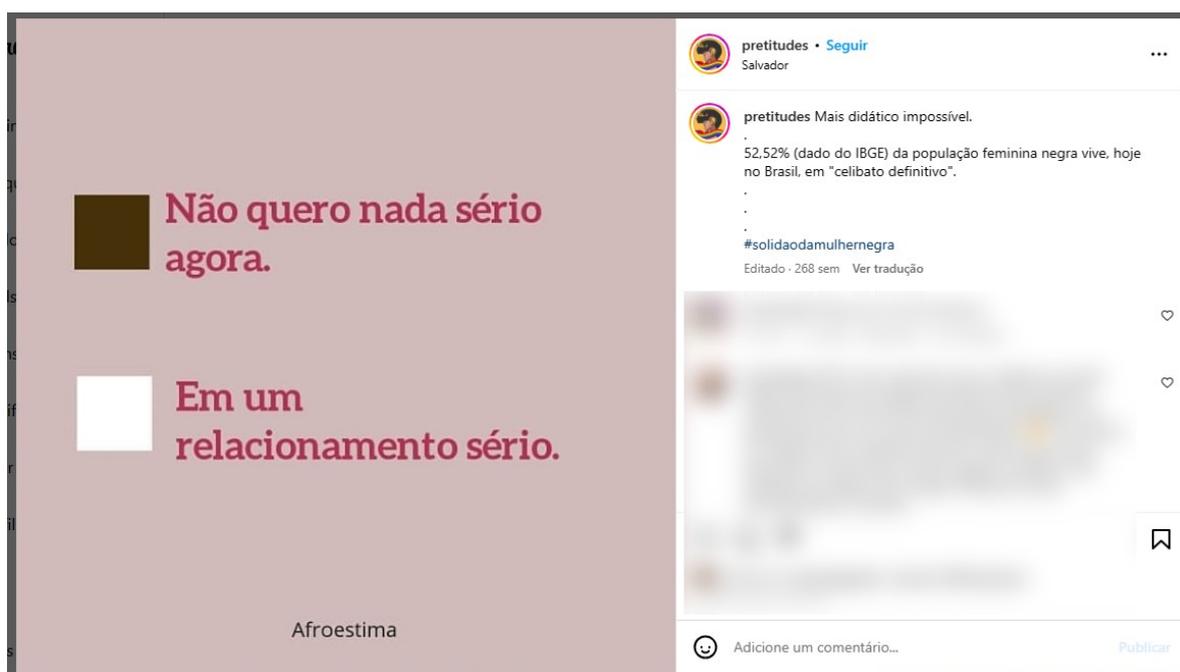


Figura 7: Reprodução/Instagram

Na legenda, podemos ler a seguinte informação: “52,52% (dado do IBGE) da população feminina negra vive, hoje no Brasil, em “celibato definitivo””. A informação é do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ainda segundo o mesmo levantamento, as mulheres pretas com mais de 50 anos representavam a categoria de “celibato definitivo”, isto é, de mulheres que nunca

viveram um relacionamento estável. Ainda não há dados atualizados sobre matrimônios realizados ou não entre a população negra no último Censo de 2022.

Nos comentários do post, diferentes mulheres negras<sup>15</sup> compartilharam suas experiências românticas. Três se destacaram:

  Eu sinto cada dia mais a solidão da mulher negra. Sinto que sou aquela que jamais serei assumida novamente. Dói muito sentir que preciso de alguém, me esforçar para isso e ver que de nada adianta 😞. Os homens nos tratam como símbolos sexuais e nunca a que irá ser assumida. É muito triste, mais eu seguirei sozinha e não aceitarei ser tratada como objeto. Mereço ser feliz, acompanhada ou sozinha.

121 sem 8 curtidas Responder Ver tradução

  A realidade da mulher negra é muito cruel! Passamos a vida sendo rejeitadas, não importa o quanto sejamos inteligentes, educadas, bem produzidas roupas, maquiagem, aparência, parece que somos invisíveis. E ainda escutam de mulheres brancas "mas vc é tão bonita, magra, se veste bem, não entendo pq não tem um namorado". Quando nos procuram é só pra um relacionamento sem compromisso. Pedido de namoro é só para as brancas, com a gente é "eu quero te beijar". Mando ver se estou na lua, não sou pano de chão e descartável. 😞

205 sem 22 curtidas Responder Ver tradução

  Exatamente desse jeito. Eu tinha uma relação com um moço branco, que adorava dizer que me amava, pipipi, popopo. Desde 2015, ele com essa história. Ano passado eu tentei conversar com ele sobre definir o que tínhamos, e ele veio com isso de "não querer um relacionamento sério pois tinha que colocar a vida no eixo", então definitivamente me afastei. Na semana seguinte ele estava namorando uma moça, branca. Assumidíssimo! Só para mostrar que isso é sim verdade!

268 sem 88 curtidas Responder Ver tradução

*Figura 8: Mulheres negras compartilham suas experiências românticas - Reprodução/Instagram*

O post a seguir segue a mesma linha:

---

<sup>15</sup> A identidade das usuárias foi preservada por questões éticas.

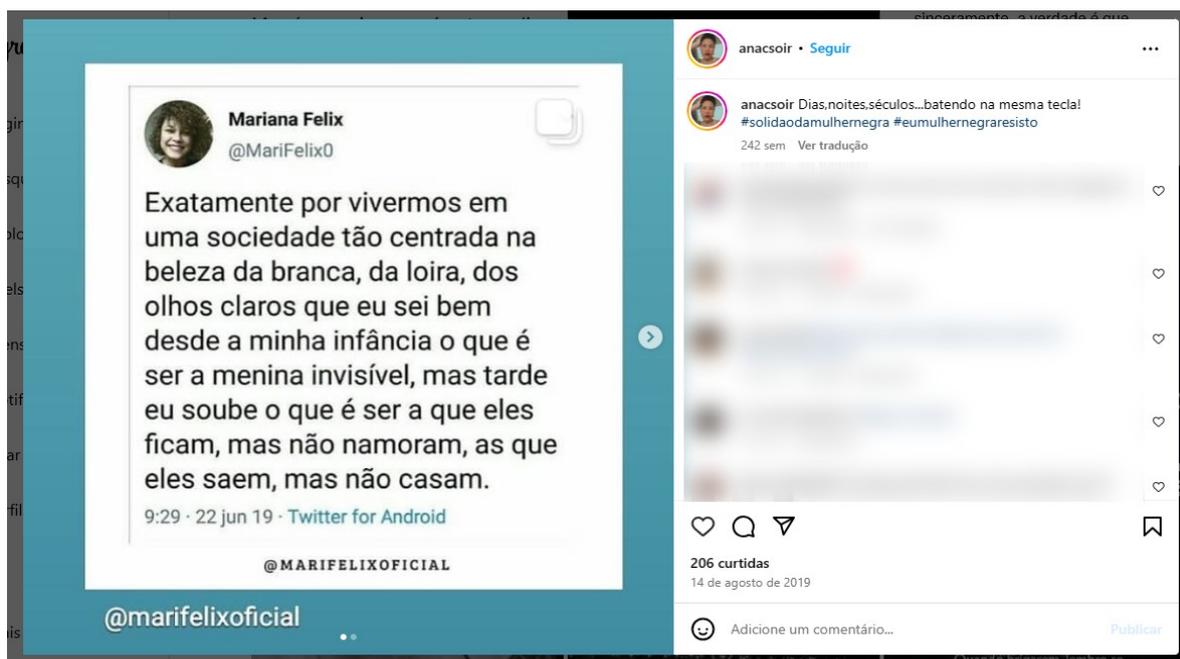


Figura 9: Reprodução/Instagram

O post, de autoria da usuária da rede social X Mariana Felix, e compartilhado pelo perfil *anacsoir* no Instagram no dia 14 de agosto de 2019, traz uma referência à rejeição que meninas negras sofrem desde muito cedo, especialmente quando são expostas ao padrão embranquecido de beleza. A autora desabafa sobre como é ser rotulada como a “menina invisível”, para logo em seguida expressar sua dor em “ser a que eles ficam, mas não namoram”. Um comentário em especial compartilha da mesma dor:

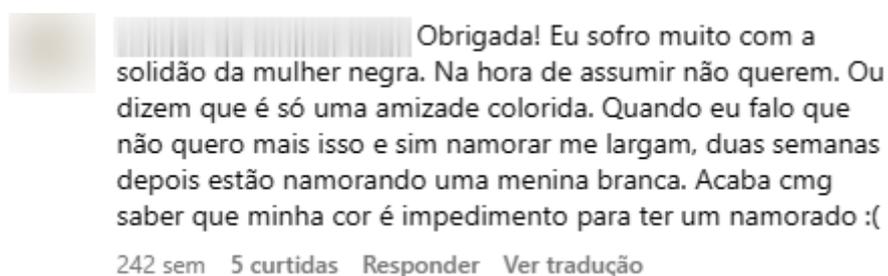


Figura 10: Reprodução/Instagram

O próximo post, publicado em 17 de novembro de 2018 pelo perfil *Gente Preta*, traz uma reflexão sobre o racismo na infância, com foco nas meninas negras:



Figura 11: Reprodução/Instagram

O racismo na infância coloca meninas negras em situações extremamente nocivas para a construção da autoimagem. O cabelo crespo, o nariz largo, os lábios mais espessos, a pele mais escura, enfim, todo traço físico que denuncie a negritude de uma criança se torna alvo de piadas, afastamento e ataques - físicos, verbais e psicológicos.

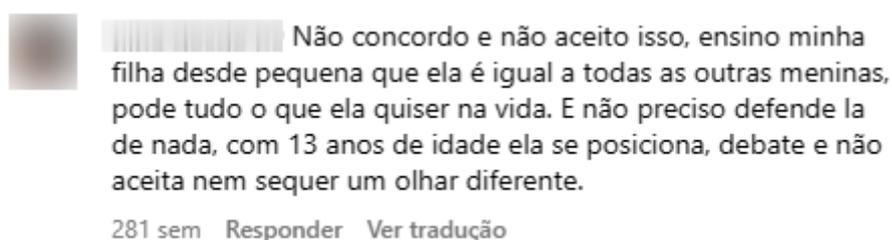
As feridas emocionais e psíquicas causadas por essas violências levam meninas e mulheres negras a viverem ciclos de sofrimento que impactam diretamente nas relações, sobretudo as relações afetivas.

A autoestima é um dos fatores essenciais para o desenvolvimento humano (SILVA et al., 2015), um aspecto de grande importância para a construção de nossas personalidades e características particulares. Falhas em seu desenvolvimento ainda na fase da infância comprometem a habilidade social e a saúde mental dos indivíduos quando adultos.

A pouca representatividade, os lugares onde estão, a estigmatização pelo qual são vítimas por conta da cor da pele somada a ausência de incentivos – tudo isso contribui para o adoecimento mental de meninas negras. Elas são direcionadas à solidão por diversos meios: pelo abandono parental, pela responsabilidade precoce

(cuidar dos irmãos e da casa enquanto a mãe trabalha fora), pelo preterimento afetivo, pela miséria, pela violência.

Como parte do desenvolvimento da autoestima, é fundamental que as meninas negras se sintam aceitas, amadas e respeitadas. Quando essa fase primária da vida é marcada por traumas morais e físicos, as habilidades sociais em conjunto com a saúde mental se deterioram na adolescência e se agravam na fase adulta sem o suporte de várias áreas – psicológica, educacional e, principalmente, social. Nesse sentido, o que se vê cada vez mais são mães de meninas negras aplicando essas práticas de afeto às suas filhas, e ensinando-as a se defenderem do racismo por meio do empoderamento, como se observa neste comentário deixado na publicação:



*Figura 12: Reprodução/Instagram*

Por último, destaca-se a atuação informativa de posts sobre a solidão da mulher negra. Atrelados à hashtag *#solidaodamulhernegra*, foram encontradas publicações de fácil leitura e compreensão, fazendo uso de ilustrações e outros recursos gráficos que capturam a atenção dos usuários. Os carrosséis, funcionalidade que permite a publicação de até dez imagens e vídeos em um único post, funcionam como um *storytelling*, com contextualização do tema, desenvolvimento e, por fim, a conclusão. A linguagem é leve e descontraída, sem deixar de ser séria e propositiva.



Figura 13: Reprodução/Instagram

O perfil *ltdathayde*, da ilustradora manauara Laura Athayde, publicou uma história real em um formato de HQ (história em quadrinho). Em 2019, a artista, uma mulher branca, criou a série “Aconteceu Comigo HQ”, que ilustra relatos anônimos de mulheres que passaram por situações que ainda são pouco discutidas nas camadas mais superficiais da sociedade.

A sequência das imagens é esta:



SEGUNDO O CENSO DE 2010,  
MAIS DE 50% DAS  
MULHERES NEGRAS  
NÃO VIVEM EM QUALQUER  
TIPO DE RELACIONAMENTO.



A PESQUISA TAMBÉM MOSTROU  
QUE A MAIORIA DOS CASAIS É  
COMPOSTO POR PESSOAS DA MESMA  
RAÇA, MAS, ENTRE OS CASAIS  
INTERRACIAIS, A PREDOMINÂNCIA  
É DE HOMENS NEGRAS COM  
MULHERES BRANCAS.

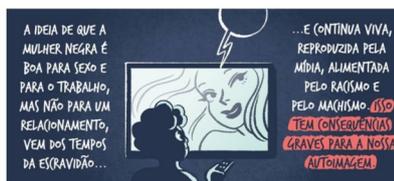


Figura 14: História em quadrinhos baseada em um relato real de uma mulher negra, de autoria da ilustradora Laura Athayde - Reprodução/Instagram

No relato, a jovem negra anônima conta que finalmente pôde entender o que estava acontecendo em seus relacionamentos amorosos quando começou a cursar psicologia na universidade. É muito comum que o primeiro contato com esse assunto aconteça em espaços acadêmicos, justamente por ser pouco conversado nos espaços comuns da sociedade, como o núcleo familiar e a escola.

O final do relato chama a atenção: ela encontra o conforto e o acolhimento emocional que precisava em sua amizade com outras mulheres negras, que também experienciaram a solidão. E aqui é inevitável lembrarmos do conceito de *dororidade*, termo cunhado pela escritora Vilma Piedade que trata da cumplicidade entre mulheres negras, uma vez que só elas reconhecem determinados tipos de dores que a sororidade feminina não alcança. Em 2019, a colunista Mônica Francisco assim escreve para o Portal Geledés:

A nossa sociedade não consegue absorver de modo natural a presença dos corpos negros femininos fora dos lugares cultural e historicamente destinados para elas, e sua dor é completamente invisibilizada. As mães e mulheres que vivenciam a perda ou encarceramento dos seus filhos, maridos, irmãos ou companheiros, que sofrem as agruras da violência obstétrica, são um bom exemplo disso (FRANCISCO, 2019, online).

No contexto de uma sociedade que frequentemente relega as mulheres negras a espaços marginalizados, a dororidade emerge como uma ferramenta poderosa de resistência e cura, pois é através dessa convergência de experiências de vida que essas mulheres encontram a força e o refúgio necessário para enfrentar as inúmeras violências impostas pelo racismo e pelo machismo.

Nesse sentido, a dororidade não somente valida suas dores únicas e muitas vezes invisíveis, mas também fortalece laços comunitários, assim criando um espaço seguro onde a vulnerabilidade é celebrada como uma fonte de empoderamento coletivo.

### **3. Considerações finais**

Ao longo deste artigo, foi demonstrado que o racismo estrutural e as discriminações raciais têm dificultado as relações afetivo-sexuais de mulheres negras.

O trabalho evidenciou que as mulheres negras passam praticamente a vida inteira acreditando que o amor não está ali para elas. Que o amor, como aqueles dos

romances dos livros e do cinema, nunca será possível porque não são bonitas e desejadas como as personagens de tez branca que parecem ter uma maior facilidade de encontrar o amor a todo momento, sempre que podem e querem.

Diante desse cenário, onde o mercado dos afetos impõe padrões e preferências que não contemplam os corpos negros e suas subjetividades, faz sentido pensar na construção da autoestima desde a infância e na descentralização do amor na esfera romântica e heterossexual como novas formas de se experienciar o amor em sua integralidade.

É fundamental reconhecer que o amor vai muito além dos estereótipos românticos apresentados pelo cinema e pela literatura convencional. Sendo assim, é importante desvincular a ideia de autovalorização e da realização pessoal exclusivamente do amor romântico. Ao invés disso, a jornada para a reconstrução da autoestima pode começar pela celebração das próprias conquistas, pela valorização da beleza negra e pela conexão com a sua ancestralidade.

Descentralizar o amor da esfera romântica e heterossexual é reconhecê-lo em todas as suas nuances e manifestações, pelo simples fato de ele ser encontrado em outras formas de afeto: nas amizades sinceras, nas conexões familiares (sobretudo com as figuras femininas – avós, mães, filhas, etc), no apoio mútuo entre outras mulheres negras e na dedicação a causas e paixões pessoais.

Isto posto, e como já dito anteriormente, a dororidade de Vilma Piedade é entendida como uma ferramenta essencial de cura. As várias dores que mulheres negras suportam andam lado a lado com a solidão que vivenciam, pois uma não se sustenta sem a outra. Mulheres negras sofrem sozinhas não apenas nas relações afetivas, mas também no parto violento, no desemprego, na miséria, na violência doméstica e sexual, na perda de seus filhos pela violência do Estado ou pelo encarceramento destes. Por tudo isso, o alento para muitas mães, filhas e esposas negras está no olhar, nas palavras e no abraço de outras mães, filhas e esposas negras.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural: Feminismos Plurais**. São Paulo: Pólen, 2019.

CARVALHO, Natali. **Grown-ish: a solidão da mulher negra e ser forte como única opção**. [S. l.], 25 jun. 2019. Disponível em: <https://valkirias.com.br/grown-ish/>. Acesso em: 31 mar 2024.

SILVA, Eliaidina Wagna Oliveira et al. OS VELHOS CAMINHOS DA SOLIDÃO DA MULHER NEGRA. **Revista da ABPN**, v. 14, n. 39, p. 522-545, 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1322/1274>. Acesso em: 31 mar. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEMOS, Lúcia. O PODER DO DISCURSO NA CULTURA DIGITAL: O CASO TWITTER. **1ª JIED - Jornada Internacional de Estudos do Discurso**, [s. l.], 2008.

MITHANI, Jasmine. **A missão de preservar o Black Twitter** [S. l.], 3 jun. 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sobre-a-solidao-da-mulher-negra-2/>. Acesso em: 03 abr 2024.

MORAES, Regina. Metodologia do Trabalho Científico. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://liag.ft.unicamp.br/wp-content/uploads/2020/04/metodologia-cientifica.pdf>. Acesso em: 31 mar 2024.

MOTTA, Andréa Cristina de Mattos; OLIVEIRA, Talita de. A MÁSCARA DO SILENCIAMENTO EM ANASTÁCIA, CONCEIÇÃO E DIVA: Como o silenciamento atravessa mulheres negras desde o período escolar. **XII COPENE**, [s. l.], 2022. Disponível em: [https://www.copene2022.abpn.org.br/atividade/view?q=YToyOntzOjY6lnBhcmFtcyl7czozNjoiYT0xOntzOjEyOiJRRF9BVEIWSURBREUiO3M6MzoiMTE3ljt9ljt9OjE6lmgjO3M6MzI6ljlBIOTcyMjgwYWQ4ZmRmZTdhOWE3YjcyOTFiYjE4MDYxIj9&ID\\_ATIVIDADE=117](https://www.copene2022.abpn.org.br/atividade/view?q=YToyOntzOjY6lnBhcmFtcyl7czozNjoiYT0xOntzOjEyOiJRRF9BVEIWSURBREUiO3M6MzoiMTE3ljt9ljt9OjE6lmgjO3M6MzI6ljlBIOTcyMjgwYWQ4ZmRmZTdhOWE3YjcyOTFiYjE4MDYxIj9&ID_ATIVIDADE=117). Acesso em: 11 abr. 2024.

NOLASCO, Ana; ÁVILA, Leonardo Frosi; JUNGBLUT, Airton Luiz. Likes, memes e militância: ciberativismo na Internet brasileira. **Conversas & Controvérsias**, Porto Alegre, v. 7, ed. 1, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/conversasecontroversias/article/view/35328/26226>. Acesso em: 22 abr. 2024.

OLIVEIRA, Jocelia Martins de; VIEIRA, Fernanda Amanda Rodrigues. Comportamento Informacional na mídia social Instagram: estudo de perfis do movimento negro e de seus seguidores. In: **Anais do 28º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação-FEBAB**, Vitória, 2019. Disponível em: <https://www.portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/2171>. Acesso em: 24 abr 2024.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher Negra. Afetividade e Solidão**. Bahia: Edufba, 2013.

RAMALDES, Dalva. Twitosfera: a expansão da ágora digital e seus efeitos no universo político. In: **Anais do III Congresso Compolítica (PUC-SP)**, São Paulo, 2009. Disponível em: [http://compolitica.org/novo/anais/2009\\_dalva\\_ramaldes.pdf](http://compolitica.org/novo/anais/2009_dalva_ramaldes.pdf). Acesso em: 22 abr. 2024.

RIBEIRO, Albertina Camara. **Sobre a solidão da mulher negra**. [S. l.], 26 nov. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sobre-a-solidao-da-mulher-negra-2/>. Acesso em: 31 mar 2024.

SANTOS, Daniel dos. PROBLEMAS DE GÊNERO DOS HOMENS NEGROS: MASCULINIDADES NEGRAS ATRAVÉS DAS PERSPECTIVAS DO PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO E DECOLONIAL. **Revista da ABPN**, [s. l.], v. 11, n. 30, p. 71-95, 2019. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/773>. Acesso em: 24 abr. 2024.

SILVA, Samia Paula dos Santos et al. A AUTOESTIMA DA CRIANÇA NEGRA E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM. In: **VII FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA**, Parintins, 2015.

SOUZA, Queila; QUANDT, Carlos. Metodologia de Análise de Redes Sociais. In: DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila. **O Tempo das Redes**. [S. l.]: Perspectiva, 2008. p. 31-63.

TENÓRIO, Jeferson. **O Averso da Pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TEODORO, Lívia. **O que é o BLACK TWITTER? Como acessar e quem seguir**. [S. l.], 16 mar. 2020. Disponível em: <https://www.naveiadanega.com.br/2020/03/o-que-e-o-black-twitter-como-acessar.html>. Acesso em: 03 abr 2024.

VIEIRA, Camilla Gabrielle Gomes. EXPERIÊNCIAS DE SOLIDÃO DA MULHER NEGRA COMO REPERCUSSÃO DO RACISMO ESTRUTURAL BRASILEIRO. **Pretextos**: Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, Minas Gerais, v. 5, ed. 10, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/22458/17946>. Acesso em: 31 mar. 2024. .

XAVIER, Raísa Santos. A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA E OS REFLEXOS NA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA. **Revista Eletrônica OAB/RJ**: Edição Especial “O Direito e as Mulheres Negras”, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://revistaeletronica.oabRJ.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Solid%C3%A3o-da-mulher-negra-e-os-reflexos-na-dignidade-da-pessoa-humana-convertido.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2024.